



Julho a Dezembro 2009

CAPA e BATINA

Nº 34 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

VIAGEM À ÍNDIA/NEPAL



NESTE NÚMERO

89º ANIVERSÁRIO
DA TOMADA
DA BASTILHA

PAG. 04

OS NOSSOS
PASSEIOS

PAG. 11

ENTREVISTA COM
PROF. DOUTOR
HENRIQUE MADEIRA

PAG. 21



PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE
09	CONFERÊNCIAS
10	A VOZ DA FILANTRÓPICA
11	OS NOSSOS PASSEIOS Cá Dentro - Passeio de Outono - "Rota Terras do Fresco"
12	IN ILLO TEMPORE
13	OS NOSSOS PASSEIOS Lá Fora - Índia / Nepal
15	ESPAÇO DE POESIA
16	BLOGOSFER@
18	ALMOÇO DE NATAL E APLAUSO À MARIA ANTÓNIA DIONÍSIO
21	A UNIVERSIDADE HOJE
25	NOTÍCIAS BREVES
26	SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...
27	IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível. A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet: www.aaec-lisboa.com



EDITORIAL

Está a findar mais um triénio (que perfaz cinco) dos mandatos que alguns dos membros da actual Direcção têm vindo a exercer por vontade legítima dos Associados.

A esses "primitivos" foram-se juntando, ao longo dos anos, outros voluntários, formando equipas coesas que começaram por vivificar a Associação – através de um cada vez mais alargado conjunto de actividades de cariz cultural, recreativo, turístico, filantrópico, etc. – para a abrir depois a outras instituições congéneres ou afins, sempre com o lastro de solidariedade académica adentro de uma matriz única que só Coimbra representa.

A aquisição de uma sede condigna foi um passo de gigante para a prossecução dos objectivos em mente. Conseguiram-se?

Conscienciosamente: na sua quase plenitude, aqueles que apenas dependem do esforço dos dirigentes e da adesão de

todos; remetido ainda para tentativas sem êxito (até ao momento – haja Deus!) o desiderato da constituição de uma Real República dos Antigos Estudantes de Coimbra (os impulsos, aparentemente na esfera de influência de alguns dos nossos pares, cederam perante interesses menos solidários...).

Mas... na calha e em bom andamento, a aproximação dos mais JOVENS faz-nos rejubilar! Eles aí estão para ficar e multiplicar-se. Vem crescendo o número de jovens eleitos para os Órgãos Sociais (1 no Conselho Fiscal, 1 na Mesa da Assembleia-Geral, 3 na Direcção); para além de as "contas" serem, de há longos anos, o *munus* de um jovem tesoureiro e de um jovem "fiscalista", outros jovens, integrando ou não cargos directivos, trouxeram outras ideias e inovações. Se não, vejamos:

- A Tomada da Bastilha brilhou mais com a apresentação do *Show Nosso* por duas Colegas, gentis e competentes;

- o novo rosto e configuração do Capa e Batina, bem aplaudidos, resultaram da criatividade e laboração de jovens;

- o mesmo se diga do "sítio" da Associação na Internet;

- à sua iniciativa se deve também a constituição de um novo Grupo de Fados, o "Serenata ao Luar", que exhibe ainda a mais-valia de interagir com artistas menos jovens.

Tudo isto funda a esperança no consequente rejuvenescimento da nossa Associação, cruzando-se em harmonia as ideias e os interesses das gerações hodiernas e das vindouras, no mesmo espírito de respeito mútuo e fraternidade que constituem a essência da nossa vida associativa.

É este o nosso testemunho; e será, decerto, a melhor herança!

Maria de Fátima Lencastre

89º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA

CASINO ESTORIL, 21 DE NOVEMBRO

O Salão Nobre do Casino do Estoril acolheu as cerca de cinco centenas de antigos estudantes e seus convidados para a comemoração do 89º aniversário da Tomada da Bastilha.

O Professor Doutor José Veiga Simão foi homenageado, cabendo a Armando Rocha apresentá-lo. Das palavras expressas e escritas na brochura distribuída na Gala (e disponível na AAECL), apresentamos de seguida alguns excertos, caracterizando diversos momentos da sua vida.



Veiga Simão no uso da palavra



*Armando Rocha
apresentou o homenageado*

O colega Armando Rocha, sócio nº 2 da nossa Associação foi designado para falar nesta sessão de homenagem ao Prof. José Veiga Simão. Entre outras coisas, disse:

"Cursou a escola primária na serrana cidade da Guarda. Fez os estudos liceais no antigo D. João III com a alta classificação de 19 valores.

Entrou na Universidade de Coimbra matriculando-se nos preparatórios para a Academia Militar tendo, porém, transitado para o curso de Ciências Físico-Químicas em que fez várias sebtas, uma das quais – Química Geral – teve um grandê êxito financeiro que ajudou bastante aos custos do curso, a que se adicionava, aliás, uma bolsa de estudo, de que justamente usufruía.

Como todos sabemos, a Universidade de Coimbra foi, desde sempre, um farol do saber em Portugal. Muitos dos seus lentes marcaram a vida académica de Coimbra e de Lisboa. A própria vida política portuguesa bebeu muito saber dessa plêiade de universitários... Entre outros, Aurélio Quintanilha, Bissaia Barreto, Gonçalves Cerejeira, José Alberto dos Reis, Mário Silva, Oliveira Salazar, são exemplos que marcaram a vida portuguesa. O percurso académico de Veiga Simão foi brilhante. Licenciado com 18

valores, em 1951, partiu em 1953 para Inglaterra onde, na Universidade de Cambridge, se doutorou em Física Nuclear – estrutura da Matéria. Mas a sua vida académica não foi fácil. Ele confessa que estava muito bem preparado em Matemática e Física Teórica, melhor do que a dos seus colegas ingleses. Porém, as suas deficiências em termos experimentais, nos laboratórios, era notória. Pelo que, durante 6 meses, participou na construção de equipamentos e trabalhou nas oficinas do Cavendish Laboratory.

Os ingleses tentavam gozar com o "portuguesito" dizendo-lhe mesmo que não sabiam onde ficava Portugal, e não sabiam qual era a capital... e, muito menos, onde ficava Coimbra... Com os ensinamentos da praxe coimbrã, em vez de os enfrentar, irritando-se, Veiga Simão limitava-se a manifestar a sua compreensão, dado que nas escolas inglesas e portuguesas não ensinavam Geografia e, por isso, ele mesmo pensava que a capital de Inglaterra era Edimburgo... O que consistia num insulto à soberba inglesa... e os desarmava por completo. Mas ficavam amigos. Concluído o doutoramento, prolongou a sua estadia para concluir outra tese, pois não havia equivalência de doutoramentos, e regressou a Coimbra, com 28 anos de idade, tendo realizado de novas provas de doutoramento, agora, em Ciências Físico-Químicas, na nossa velha Universidade, as quais mereceram do júri 20 valores...com distinção e louvor.

Após concursos públicos, em competição, ascendeu a Professor Extraordinário e, logo em 1961, com 31 anos, a Professor Catedrático, tendo regido as cadeiras de Física Atómica, Física Médica, Termodinâmica, Mecânica Física, Quí-

mica-Física, Óptica e Sociologia para engenheiros.

Veiga Simão, para além da excelente formação que recebeu nas Universidades de Coimbra e de Cambridge, aprendeu muito com os diálogos inter-gerações que Coimbra proporcionava. De, entre outros, recorda Afonso Queiró, Anselmo de Castro, Dias Pereira, Guilherme de Oliveira, Miguel Torga, à mesa do Café Arcádia, em que se discutia tudo, com grande elevação, da política, à ciência, à filosofia, ao futebol... e continuavam à beira do Mondego, no Parque da Cidade.

Daí até à nomeação, em fins de 1962, como Reitor, foi um passo. Na altura, o ministro do Ultramar, Adriano Moreira, entendeu que a criação dos Estudos Gerais de Angola e de Moçambique devia ter as suas raízes nas universidades de, respectivamente, Técnica de Lisboa e Coimbra. De Coimbra, Adriano Moreira convidou Veiga Simão por indigitação do Magnífico Reitor Guilherme Braga da Cruz, que lhe solicitou esse serviço em nome da Universidade de Coimbra.

Veiga Simão hesitou, tendo decidido a colocar condições prévias. Na altura, tinha um convite aliciante para ir trabalhar para os EUA, no Massachusetts Institute of Technology.

Com a demissão de Adriano Moreira, Veiga Simão considerou que estava liberto desse compromisso. Foi então que Salazar acabou por convencer Veiga Simão argumentando com o mérito da criação em Moçambique dos Estudos Gerais Universitários e com o facto de Veiga Simão ser autor de uma moção da Universidade, em 1961, desafiando o governo à criação de universidades no Ultramar, na sequência do II Curso de Verão em Angola e Moçambique. Na Universidade de Lourenço Marques deixou obra que ainda hoje é recordada pelos seus alunos e pelos moçambicanos de todas as etnias. Por isso, foi convidado de honra para as comemorações dos 30º e 40º aniversários da Universidade Eduardo Mondlane, ouvindo de Joaquim Chissano que ela era a única instituição de que se reconhecia uma plena continuidade. O pessoal auxiliar com mais de 20 anos homenageou-o afirmando que queria

a Universidade como era com o "nosso" Reitor.

Como estratégia fundamental para a criação de uma Universidade de excelência, atraiu dezenas de jovens licenciados nas universidades portuguesas e ou em universidades estrangeiras a fim de se doutorarem nos mais prestigiados centros de saber do mundo científico da Europa e dos EUA.

Com essa política, em 7 anos do seu reitorado, doutoraram-se mais docentes nos respectivos ramos do saber, designadamente em medicina, engenharia, agronomia, veterinária e formação de professores em ramos científicos, do que nas 4 universidades portuguesas existentes ao tempo em 40 anos.

Porém, devido à tragédia da "descolonização exemplar", a estratégia desenvolvimentista de Veiga Simão acabou, não por beneficiar apenas Moçambique, mas por vir a beneficiar as novas universidades criadas pela Reforma Educativa dos anos '70. Para as universidades de Aveiro, Évora, Minho e Nova de Lisboa, para além dos Institutos Politécnicos (mais tarde universidades) de Trás-os-Montes e Alto Douro, da Beira Interior e dos Açores estavam desenhadas estratégias semelhantes, constituindo elas exemplos da visão prospectiva de Veiga Simão. É caso para dizer que a Universidade Portuguesa e lhe deve muito.

E não ficou por aqui. Ainda criou onze Politécnicos e dez Escolas Normais Superiores. Note-se que esta designação foi um tributo que Veiga Simão quis prestar à I República, mas realce-se o paradoxo: as mesmas foram extintas após o 25 de Abril, com a demissão das comissões instaladoras da Guarda, Bragança, Lisboa e Ponta Delgada.

A sua obra está escrita e concretizada em grande medida; depois de tantos anos, o melhor que se pode dizer dela foi o que escreveram, entre outros, o jornalista James MacManus, em "The Guardian", o Prof. Orlando Ribeiro, o professor metodólogo Rómulo de Carvalho, Marcelo Rebelo de Sousa e, também, Sá Carneiro, Miller Guerra, o Padre Manuel Antunes, o Cardeal Cerejeira...

Essa Reforma foi adulterada e anarquizada logo a seguir ao 25 de Abril, no pe-

ríodo de 1974 a 1976, período em que se acabou com as escolas técnico-profissionais e se adiaram, por vários anos, os Institutos Politécnicos e as Escolas Normais Superiores.

A Reforma Educativa contou com o apoio de Marcello Caetano que não só aprovou legislação que suscitou grandes polémicas, como consignou à Educação cerca de 14% do orçamento de Estado, o que era uma fatia enorme do investimento público. Espero que Veiga Simão publique as numerosas cartas desse tempo, de entre as quais as trocadas com Marcello Caetano.

E que fez Veiga Simão mais directamente relacionado com a nossa Universidade de Coimbra?

Criou a Faculdade de Economia e transformou a Faculdade de Ciências em Faculdade de Ciências e Tecnologia, que passou a ministrar os cursos de engenharia. Deu ainda conteúdo à transformação da Escola de Farmácia em Faculdade de Farmácia.

Também deixou organizado o processo de criação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e de uma Escola Superior de Educação Física.

Ninguém pode, porém, ignorar o desvelo com que, enquanto Ministro da Educação Nacional, se ocupou do desenvolvimento da Universidade de Coimbra, em constantes visitas de acompanhamento das suas actividades, e apoios à Acção Social.

Após Abril, foi nomeado Embaixador de Portugal nas Nações Unidas. Logo aí, o seu saber se impôs naquele areópago e foi escolhido para falar na Assembleia-Geral desse ano em representação do grupo que abrangia a Europa democrática, os EUA e o Canadá. Fez um discurso em que defendeu os valores da Democracia Ocidental, o qual, porém, não foi bem acolhido por alguns sectores políticos que governavam então Portugal...

Pediu a demissão após o 11 de Março. É interessante analisar o processo do seu saneamento como catedrático da Universidade de Coimbra. Ele, que nomeara muitos professores contra os pareceres da DGS e que recuperara professores afastados, como por exemplo, Andrade e Silva, Aurélio Quintanilha, Mário Silva,

Soeiro Pereira Gomes e Vital Moreira. Em paralelo com o seu afastamento das Nações Unidas, a onda saneadora que, na altura, se abateu sobre os servidores do Estado, levou os revolucionários de Abril a demitirem Veiga Simão, das funções de professor catedrático da Universidade de Coimbra, em Julho de 1975. A sua saída das Nações Unidas mereceu um artigo de fundo e editorial do New York Times.

Não quis ir para o Brasil, apesar das ofertas de bons empregos. Preferiu exilar-se nos Estados Unidos da América, onde continuou as suas tarefas de ensinar e investigar na Universidade de Yale (EUA), uma das universidades americanas da "Ivory League" e de ser conselheiro do "National Assessment and Dissemination Center" do Lesley College, Cambridge (EUA), um dos melhores Colégios de formação de professores. Com os conhecimentos travados nos EUA, ajudou muitos portugueses e foi director da "Portuguese Heritage Foundation".

Fazedor de alguns Ministros que indicou ao General Spínola, como foram os casos de Almeida Santos, Eduardo Correia e Manuel Rocha, mais tarde, também ele, uma vez regressado a Portugal, em 1978, depois de reintegrado, com todos os direitos, como professor da sua Universidade, exerceu funções ministeriais nos anos '80 e '90, no sector da Indústria e Energia, com Mário Soares, e mais tarde no da Defesa Nacional, com António Guterres.

Entre muitas outras e variadas funções, fundou e presidiu ao LNETI entre 1979 e 1983 e 1985 e 1992, foi Governador da Agência Internacional de Energia Atómica, eleito deputado pela Guarda, Presidente do Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesas, da Comissão para o Ano Europeu da Educação, da Comissão Organizadora da Conferência Internacional de Lisboa – Cidade Competitiva e membro do Conselho da Europa para a reforma do ensino superior nos Países de Leste.

Seria mesmo fastidiosos citar os trabalhos e os empreendimentos em que participou e em colaboração com distintas e reputadas entidades estrangeiras, de-

signadamente, a Noruega, o Banco Mundial, a OCDE e o MIT. A sua bibliografia é extensa e profunda nos domínios da Educação, da competitividade, da energia, das tecnologias e de estratégias de desenvolvimento.

Como Ministro da Indústria e Energia, operacionalizou o Plano Tecnológico da indústria Transformadora, que concluiu no LNETI com o MIT. Na Defesa, elaborou a Lei do Serviço Militar e, contra ventos e marés, mandou construir o Memorial com os nomes dos Homens caídos em combate no Ultramar, junto à Torre de Belém. Orgulha-se de ter cuidado das sepulturas dos soldados portugueses em França.

Com a traição, até de alguns seus amigos, acabou por solicitar dignamente a demissão vindo-se a provar que a divulgação de documentos confidenciais, constituindo um crime de Estado, teve lugar na própria Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia da República. Um crime cometido sob a capa de vergonhoso anonimato, posto a claro pela Procuradoria-Geral da República, presidida por um antigo aluno da nossa Universidade.

De cabeça erguida, retirou-se da política e recomeçou a lutar com a mente e a caneta!... Espero também que Veiga Simão publique as cartas trocadas na altura com conhecidas personalidades da vida política.

Por todo o seu intenso labor recebeu inúmeras distinções e as mais altas condecorações de Portugal, para além das concedidas no Brasil e na Bélgica, e da concessão dos títulos de cidadão Honorário ou de Medalhas de Ouro de várias cidades, de entre as quais a da cidade de Coimbra. É doutor "honoris causa" pelas Universidades do Minho, de Aveiro, da Beira Interior, da Universidade Eduardo Mondlane e de outras universidades estrangeiras.

Para além do saber a que ele se tem dedicado toda a vida – ainda hoje trabalha de manhã à noite – a investigar e a produzir trabalhos de grande mérito para a sociedade civil, nos complexos domínios da competitividade e da estratégia, sem nunca descurar os seus deveres familiares. Neste percurso teve um outro gran-

de amor: a Associação Académica de Coimbra! Foi aí que nos conhecemos a lançar bolas ao cesto... Sempre presente nos jogos de futebol, à chuva e ao sol, nos tempos do Azeredo, do Bentes, do Eduardo Santos, do Nana...que nos arastavam por esse país fora...sabe Deus com que imaginação para arranjar boleias e sacrifícios para pagar as viagens... Veiga Simão foi nomeado e ainda hoje é o sócio nº 1 da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra, ocupando a vaga deixada pelo falecimento do Professor Oliveira Salazar.

Desloca-se com alguma frequência a Coimbra, em especial, devido às suas funções na Fundação Bissaya Barreto. E aproveita sempre para ir ao Mercado, na Baixa, para comprar os grelos da Senhora da Serra e os pastéis de "chantilly" do Nicola para a Madalena...

Não quero deixar de referir as circunstâncias em que criámos uma amizade que vem durando pela vida fora. Em 1947, com o esforço exagerado que fiz com o desporto – basquetebol, remo e ténis – e com os ensaios diários no orfeon, adoeci gravemente. Com a doença, Iria certamente perder o ano por faltas às aulas...Só que o companheiro da equipa de reservas da AAC, Veiga Simão, logo se prontificou a ir todas as tardes a minha casa a fim de me transmitir a matéria que tinha sido dada nas aulas da Faculdade... E acabámos por fazer uma sebenta de Electricidade juntos, com o Aristides Mota... Terminou dizendo que "Veiga Simão, como colega, apoiou sem limitações os seus companheiros; como professor, dedicou-se sem limites aos seus alunos; como Ministro, seguiu Withead – a Nação que não cultiva a inteligência está perdida...A sua política foi a de que um homem culto é um homem mais livre e a de que o alimento determinante de uma democracia autêntica era, é e será a Educação.

Aqui fica o sincero obrigado da nossa Associação ao sócio nº 666, com as quotas em dia, José Veiga Simão!"

*Armando Rocha
Na Tomada da Bastilha, no Casino do Estoril, em 21-11-2009*

AGRADECIMENTO DE VEIGA SIMÃO

21.Novembro.2009

Veiga Simão agradeceu à Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, e em particular à Dra. Fátima Lencastre, nossa querida Presidente, que "com dedicação exemplar e reconhecida competência representa a comunidade académica da nossa Universidade, projectando a Associação na sociedade, mercê de iniciativas culturais de indiscutível mérito, fortalecendo o convívio e a fraternidade entre todos nós". Ao Armando Rocha, disse Veiga Simão, "quero tão só dizer-lhe, que se excedeu na pintura de virtudes atribuídas ao meu retrato, o que só é explicável pela amizade de sempre, enraizada no amor à nossa Associação Académica, em alegrias e tristezas vividas ao sol e à chuva nos campos de basquetebol e de futebol e sublimada no nosso percurso de vida, pelo seu desempenho competente e exemplar na Administração Pública e em Empresas Públicas, sempre em prol da causa nobre de servir o País. E como poderei esquecer a afabilidade e a ternura da doce e saudosa Célia, tão amiga da Madalena, nos jantares em sua

casa no Restelo, imersos em recordações de Coimbra, ao som de baladas e de fábulas deliciosas do Tossan e do Pica. Noites que marcaram as vidas de muitos antigos estudantes de Coimbra".

Veiga Simão agradeceu a homenagem que lhe era prestada ao transmitir aos seus companheiros de várias gerações: como Coimbra o marcou para a vida. No texto que escreveu recorda a sua infância na Guarda e a imagem mítica de uma Coimbra, capital da sabedoria nas leis, nas letras, nas ciências, na saúde e na doença. Coimbra, porto de salvação para os seus conterrâneos da Guarda e das suas aldeias... Coimbra onde ingressou no Liceu D. João III aos 10 anos e viveu até os 33 anos. A Coimbra, disse, deve os preciosos conhecimentos que lhe permitiram viver uma vida pela qual os seus pais se sacrificaram e o seu irmão sempre acompanhou com desvelo e que a nossa Universidade lhe apontou. Universidade que não eram só lições, só experiências, só os Gerais e os Laboratórios de Física e Química; nem só a vida académica que o levou "a viagens por todo o País e aos campos de Sta. Cruz, da Arregaça, do Loreto e do Calhabé e, naturalmente, ao Tó Ladrão e à Central, mas era também a Coimbra do diálogo entre gerações, simbolizado pela tertúlia do Arcádia e pelos pas-

seios no Parque da Cidade. Nessa tertúlia, Veiga Simão disse que "aprendeu a ver mais longe e a sentir perto o valor da solidariedade na acção, para além das palavras". Por tudo isso muito deve aos seus inesquecíveis mestres João de Almeida Santos, Mário Silva, Couceiro da Costa, Andrade Gouveia, Pinto Coelho e aos companheiros mais velhos das conversas do Arcádia, como Afonso Queiró, Miguel Torga, Guilherme de Oliveira, Dias Pereira e Anselmo de Castro. A Universidade de Coimbra, tinha o dom de juntar a Alta e a Baixa e projectar-se para além do Mondego, presente em todos os cantos do mundo a gerar ansiedades e ambições de mudança.

Coimbra foi assim a sua plataforma para outros voos, confessa Veiga Simão, vividos em três continentes, sempre fiel à Académica e aos seus mestres e estudantes, prestando, contra ventos e marés, justiça a académicos, perseguidos pela intolerância, como Aurélio Quintanilha, Mário Silva, Vital Moreira e Alberto Martins...

Coimbra esteve comigo em Cambridge, recorda Veiga Simão, ali aprendi a vivência de uma sociedade democrática; em Lourenço Marques a fundar uma Universidade com uma equipa de eleição, tendo como esteio a nossa



Direcção da AAEL com Magnífico Reitor e A.A.C.

Universidade e onde à imagem de Coimbra dinamizou a criação da Associação Académica de Moçambique". E terminou dizendo:

Coimbra esteve comigo na Reforma Educativa dos anos 70 ao proclamar que "um Homem mais culto é um Homem mais livre" e ao assumir como prioridade "a Escola para Todos"; Coimbra esteve comigo nas Nações Unidas no dealbar de uma Democracia a sonhar com o Futuro de Portugal; Coimbra esteve comigo nos banhos democráticos das eleições no distrito da Guarda e nos avanços tecnológicos da indústria portuguesa; Coimbra esteve comigo na Defesa Nacional, ao prestar homenagem aos combatentes da I Grande Guerra, com as sepulturas esquecidas em França, e aos combatentes do Ultramar. E prometeu: Coimbra vai estar comigo nos escritos das minhas memórias, porque ela me ensinou que a verdade não se escreve em dialectos.

FIM

Do programa deste evento constaram diversos momentos. Começou com um "Coimbra de Honra", para prosseguir com a visita à exposição alusiva à vida e obra do homenageado, Prof. Doutor José Veiga Simão. Após o saboroso jantar, seguiu-se o animado e muito participado baile, com uma orquestra do

Casino, as "Big Band".

O Show Nosso da Gala foi apresentado pela jovem Luísa Alexandra que cumprimentou os presentes, apresentou o programa previsto para a noite de Gala e de homenagem.

O Magnífico Reitor Seabra Santos usou da palavra para, após os cumprimentos da praxe, apresentar a evolução da nossa Universidade, do seu enquadramento nacional e da sua estratégia de internacionalização.

Nas palavras de boas-vindas e agradecimento da presidente, Fátima Lencastre, salientamos:

- a exaltação da Universidade de Coimbra pelo seu prestígio em ter sido a única Universidade portuguesa incluída no *ranking* mundial de 400 Universidades, promovido pelo *Times*;
- o exemplo que os Antigos Estudantes de Coimbra se têm esforçado por deixar às sucessivas jovens Academias: de enriquecimento mútuo sem contabilidades, de respeito do que é próprio de cada um para bem de todos, de credibilidade incorruptível perante quaisquer vicissitudes;
- o aplauso que, no final, pediu para o Carlos Couceiro, enaltecendo o seu espírito de Humanidade, de abertura e disponibilidade sem condições.

Procedemos à entrega do Prémio ao jovem da FCTUC indicado pelo Magnífico Reitor, Carlos Adriano Albuquerque Andrade de Matos, estudante finalista de Mestrado, concluído com a excepcional média de 20 valores.

A actuação do Grupo Coral "Alma de Coimbra", magistralmente dirigido pelo maestro Augusto Mesquita, acompanhado pelas suas duas filhas, ao piano e contra-baixo, agradou muito aos presentes e foi muito aplaudida, tendo excepcionalmente interpretado mais temas para deleite dos antigos estudantes e seus convidados.

O Show Nosso prosseguiu com os muito promissores e a animação dos jovens do "Grupo de Cordas", da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra.

A Gala terminou com a Serenata pelo Grupo de Fadros "Porta Férrea" composto por João Reis, Soares da Costa, António Toscano, Durval Moreirinhas, Teotónio Xavier e Carlos Couceiro. Cantaram Maia, Mário Veiga, Carlos Caranca, Napoleão Amorim, Luiz Goes e Camacho Vieira para um intenso e sentido final de noite, terminando com o tradicional F.R.A. e votos de um rápido reencontro.

Fátima Lencastre e José António Correia



Aplauso carinhoso ao Carlos Couceiro no final da Serenata



DO SONHO À REALIDADE...

Maria Virgínia Brás Gomes

O Chá do Outono/Colóquio decorreu no dia 17 de Setembro, na Sede, num convívio concorrido e ao redor de mesas bem recheadas. Participaram as pessoas que quiseram ouvir e interperlar a Dr^a Maria Virgínia Gomes, da Direcção da Casa de Goa em Lisboa. Publicamos de seguida o seu texto base: Convidada para uma conversa com os membros da AAECCL de partida para a Índia correspondi, com o maior gosto, ao pedido da Dr^a Fátima Lencastre a quem já conheço há vários anos no âmbito das nossas respectivas intervenções culturais - na AAECCL e na Casa de Goa.

Foi bem escolhido o percurso da viagem: entre o artístico, o histórico, o espiritual e o cosmopolita, com início em Nova Delhi, a capital durante o Império *Mogul*, que perdeu essa condição para Calcutá, nos séculos 18 e 19 e voltou a tornar-se capital por decisão do Rei Jorge V em 1911. Foi o único Imperador da Índia a estar presente no seu próprio Delhi *Durbar* (reunião magna do imperador com os seus súbditos) em que apareceu coroado com a Coroa Imperial da Índia, criada expressamente para a ocasião.

A cidade de Nova Delhi impressiona pela clara demarcação territorial, en-

tre a antiga Delhi, a cidade capital histórica com os seus concorridos mercados e impressionantes edifícios da arquitectura *Mogul* e a Delhi moderna, cheia de bulício nas amplas avenidas que conduzem frequentemente aos sítios do poder - as duas câmaras do Parlamento, o *Raj Bhavan*, onde vive a Presidente da República (primeira mulher neste cargo, embora a Índia já tivesse tido como primeira ministra Indira Gandhi que deixou marcas profundas na política de não alinhamento) e zonas de pobreza e exclusão espalhadas um pouco por toda a cidade.

O regresso à Índia, após a passagem pelo Nepal, será a *Varanasi*, o mais antigo centro de peregrinação de toda a Índia. De acordo com os *puranas* - livros sagrados do Hinduísmo - a cidade foi construída em 1200 A.C. *Varanasi* é, hoje, uma teia de aranha de ruelas estreitas e tortuosas e de avenidas percorridas por peregrinos e *sadhus* (homens santos) sacerdotes hindus que dedicam oferendas e hinos védicos - tudo envolto pelo aroma de incenso que emana dos templos. É a *Varanasi* que chegam muitos hindus tradicionais que desejam passar os últimos dias das suas vidas num *ashram*, entoando cânticos, meditando

e arrependendo-se dos seus pecados. *Varanasi* é verdadeiramente o local da vida e da morte, numa alternância eterna de despojamento na morte e de reencarnação para a vida.

Irão também visitar *Khajurao*, onde há mais de mil anos, os *Chandella*, do clã *Rajput*, viveram, lutaram e dominaram. Os templos de *Khajurao* foram construídos no apogeu dos *Chandella* embora tenham sido descobertos apenas há algumas dezenas de anos. A sociedade medieval que caracteriza *Khajurao* foi declarada património da humanidade construído entre o século IX e o século XI. Como acontece com qualquer verdadeira obra-prima, a interpretação final é sempre subjectiva e cada um de vós certamente apreciará os templos de uma forma individual e única.

O imperador *Ashoka*, da dinastia dos *Mauryas* ergueu em *Sarnath*, perto de *Varanasi*, a coluna dominada por quatro leões guardiães que constitui hoje e Emblema Nacional da Índia.

Em Agra visitarão o Taj Mahal, fruto da mais bela história de amor da Índia - a do imperador *Shah Jahan* e da sua mulher *Mumtaz Mahal*. As obras iniciaram-se em 1632 e pro-

longaram-se durante 21 anos, participando nelas aproximadamente 20.000 artesãos, sob o olhar do próprio *Shah Jahan*.

Chegarão, entretanto, a Goa. De tradições seculares, Goa, tem, no entanto, uma forte componente católica, sedimentada durante séculos de evangelização, por missionários de várias ordens religiosas. Embora espalhadas por todo o território, algumas das mais conhecidas igrejas estão situadas em Velha Goa – a Sé, a Igreja do Bom Jesus e o Convento de S. Caetano, com as suas fachadas em granito e as majestosas torres erguidas para o céu.

Uma grande parte da população de Goa é constituída por Hindus. Mantêm hábitos e costumes próprios e uma distinta identidade cultural. Praticam o culto religioso em templos como o de *Manguesh* e *Mardol*, onde fazem oferendas às divindades, no rito tradicional do *pujá*. Os cânticos ecoam no interior e os *diulis* (candeias alumiadas a azeite) iluminam o caminho.

No regresso de Goa, chegarão, finalmente, a *Mumbai* – a maior cidade do mundo, a capital comercial, a "cidade espelho" da Índia moderna, situado no Estado de *Maharashtra*, com uma economia florescente e alguns tesouros patrimoniais. A cidade deve o seu antigo nome de *Bombay* aos portugueses que a denominaram "Boa baía". Os ingleses que a receberam como dote de casamento de Catarina de Bragança e Carlos II de Inglaterra em 1661 deram esse nome ao arquipélago inteiro.

As covas hindus de Jogeshvari e de *Elephanta* (século VI) são testemunhas da antiguidade do arquipélago, assim chamada pelos Portugueses por causa de uma pedra junto à praia com esse formato.

Com quase um sexto da população mundial, berço das grandes religiões asiáticas e uma diversidade cultural ímpar, a Índia sempre suscitou uma imensa curiosidade no ocidente. Em contraste, porém, com esta imensa, exótica e histórica Índia espiritual, assiste-se agora à emergência paralela de uma nova Índia – moderna, materialista, confiante e competitiva, cobiçada por investidores de todo o mundo.

Desde a introdução do conceito de *swaraj* que guiou o movimento pela independência indiano para sublinhar a diversidade de "ideias da Índia" subjacente à fundação do país em 1947, até à Índia do futuro, várias Índias foram cedendo o passo à modernidade, nem sempre de forma pacífica.

A "Índia da carroça", rural e subdesenvolvida, em tensão constante com o frenesim e o desenvolvimento urbano; a Índia religiosa, com a maior minoria muçulmana do mundo; e a Índia social, com os eternamente marginalizados *Dálitas* (intocáveis) e *Adivasis* (populações tribais), coexistem com a Índia de 2010, em que o progresso para valores de crescimento económico próximos dos 10% na última década teve um profundo impacto social, despoletando transformações socioeconómicas sem precedentes. É a Índia que acalenta o sonho de se tornar uma das super potências do século XXI.

Espero que a vossa viagem vos permita conhecer melhor a Índia da história e do turismo, mas que permita também vislumbrar as infinitas Índias desconhecidas.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Começamos por expressar um pensamento de carinho e gratidão para a nossa Sócia e antigo membro da Direcção, Isabel Martins Alexandre, que faleceu no dia 29 de Setembro, deixando um exemplo de dedicação à Associação, Entre outros aspectos na sua colaboração, salientamos a organização e o funcionamento exemplares da nossa Biblioteca. Era uma fonte viva de alegria e de amor pelos outros.

Manteve-se o propósito de alargar a lista de médicos dispostos a prestar um primeiro apoio aos Colegas que dele necessitem, ordenada por bairros de Lisboa e arredores.

Do mesmo modo, continuaram-se os contactos telefónicos (com a regularidade possível) com os Associados que sabemos já não poderem deslocar-se ou que se encontram em situação pontual de doença; o envio de postais (personalizados) de parabéns pelo aniversário de todos os Associados; as palavras de solidariedade e conforto nas situações de perda de familiares.

De convívio, salientam-se o Chá do Outono e o Magusto do S. Martinho, realizados na Sede com mais de 60 animados convivas, integrando apontamentos culturais de poesia e canto alusivos.



OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

O PASSEIO DE OUTONO – 2009

3, 4 e 5 de Outubro

Hélia M. B. Moniz de Jesus



O passeio do Outono à Rota dos "Frescos e dos Vinhos", decorreu com bom tempo e com o grupo animado e interessado nas visitas que foram proporcionadas, sobretudo a velhas igrejas, pequenas ermidas e outros edifícios antigos onde pudemos admirar muitas pinturas a-fresco, algumas recém-descobertas e muitas ainda a serem escrupulosamente restauradas, não poucas das quais só parcialmente recuperáveis. Estas visitas tiveram uma guia muito conhecedora

daquilo que está a ser descoberto e de como está a ser preservado.

Foram visitadas também as ruínas romanas de Miróbriga, que muitos de nós já conheciam, o que não impediu que todos as tivessem admirado com interesse, apenas diferente conforme as visitavam pela primeira vez ou não. O almoço e o lanche na Vidigueira não agradou a todos, não pelo ambiente popular, mas pela falta de qualidade da ementa e do serviço.

Mas não foi tanto assim que estragasse o passeio. Aliás, a exibição, ao fim do lanche, de um grupo de cantares alentejanos salvou a situação.

Beja foi a cidade onde se pernoitou.

Lá, alguns de nós visitaram, entre outros monumentos, o Convento da Conceição, onde professou Soror Mariana Alcoforado, a autora das mundialmente famosas "Cartas Portuguesas". Foi-nos proporcionada a oportunidade de irmos até à janela de onde a célebre freira viu pela primeira vez passar a cavalo, volteando a montada como exibindo-se para ela, o Conde de Saint Léger, futuro Marquês de Chamilly, por quem se havia de apaixonar desvairadamente.

Fez-nos sentir alguma emoção!

No último dia foi a visita à Herdade do Esporão. Belo empreendimento, onde visitámos as Caves, a Torre, o Museu (em que está patente uma bem representativa amostra permanente das obras de grandes artistas modernos feitas expressamente para ilustrar os rótulos de garrafas de várias colheitas) e diversos outros pontos de onde se estende a vista pelas vinhas até perder de vista. Enfim, acabámos com uma prova de vinhos da famosa Quinta, seguida de um belíssimo almoço, servido com muito requinte e acompanhado muito adequadamente por vinhos seleccionados a rigor. No resto do dia, o pequeno cruzeiro no Guadiana fechou com chave de ouro o excelente "Passeio de Outono - 2009".

NÃO HÁ TERRA COMO A NOSSA

Amélia de Souza Ferreira-Pinto

E de facto, não há nem haverá nunca outra assim. E é assim que os estudantes dessa velha Universidade a consideram e cantam nesse belo e sentido fado que perpetua a sua magia e encanto através das gerações.

Sim, Coimbra é nossa, não há dúvida. Nela deixámos algo de nós, da nossa juventude, das nossas ansiedades, dos nossos objectivos e até mesmo das nossas ingénuas loucuras.

Aí tivemos também as nossas casas, as nossas famílias — os nossos inesquecíveis amigos dispersos pelas *Repúblicas*, pelas modestas pensões, pelos *Lares* onde todos vivíamos e convivíamos em sã e pura amizade.

Da minha casa, a Casa Universitária da Mocidade Portuguesa, fundada nos meados do século passado, a primeira no género em Coimbra, situada no cimo da íngreme encosta da Couraça de Lisboa, comprazia-me a admirar as barcaças que desciam paulatinamente as serenas águas do Mondego, ao som compassado das varas que as moviam numa marcha acelerada, num vaivém contínuo nas mãos de míticos barqueiros. Vinham lá de cima, das terras ribeirinhas, carregadas de carvão, de lenha e carqueja que alimentavam os velhos fogões.

Nas noites de Lua cheia, o luar espelhava-se naquela doce quietude das águas onde as rãs coaxavam em harmoniosas desgarradas.

Como era linda e romântica a nossa terra! Como éramos livres e felizes nesse vetusto burgo, tão único, tão característico, tão nosso!

Não carecíamos de divertimentos libertinos, nem de comportamentos me-

nos correctos. As nossas diversões eram tão pueris que ainda hoje as consideramos um tanto irrisórias.

As nossas actividades extra-curriculares resumiam-se a vermos passar, da nossa varanda, os nossos colegas rumo ao CADC, à hora do almoço. Fazíamos alguns comentários acerca da sua elegância ou desleixo, da sua compostura ou irreverência. Mas respeitávamo-nos mutuamente e selávamos as nossas críticas com a oferta de um bolinho que a nossa saudosa governanta ia levar, da parte das suas meninas, à Casa da Mocidade dos *senhores doutores*.

À noite, depois de jantar, distraíamo-nos em amenas e divertidas conversas, cosíamos as nossas roupinhas, cantávamos, dançávamos, etc.

No Verão, quando o calor e as cólicas apertavam, rezávamos o terço com as janelas abertas de par em par.

Por vezes ouvíamos a voz dos colegas que passavam: "Suas beatas". "Beatas não respondiam outros mais sensatos, meninas pias".

Mas as meninas pias, ao menor engano ou distração na reza, perdiam o ar concentrado e solene e desatavam às gargalhadas. Lá voltavam os nossos costumeiros censores: "Mas o que é isso, oração ou pagode?!"

Eles sabiam bem o que era: o riso fácil de uma mocidade responsável, mas ao mesmo tempo despreocupada, exuberante de vida e ávida por fruí-la plenamente.

Ao Sábado, ao badalar da *Cabra*, púnhamos de parte os nossos trabalhos e íamos *afidalgar* para a Baixa. Descíamos cautelosamente a Couraça, elegantes nos nossos sapatinhos de saltos arrojados, envergando as nossas me-

lhores toilettes. Levávamos um embrulhinho na mão para fingirmos que íamos às compras, atravessávamos a passo firme o *Mata-Frades*, seguíamos pela Ferreira Borges até à Sofia (rua da Sabedoria) e recebíamos, com coragem e altivez, os piropos e assobios da praça, dos grupos dos eternos galanteadores, e as declarações amorosas dos mais apaixonados. Sim, porque Coimbra também era *Amor* amor simples e romântico, paixões tão discretas que hoje, contadas, fazem rir os nossos netos. Mas o que é certo é que alguns desses amores permaneceram para sempre.

Acabávamos a tarde na Central onde o Senhor Cruz já tinha reservado a mesa do costume para as *Senhoras Doutoras*. Sabia a ementa de cor: um chantilly para cada uma, para não alterar o orçamento e a elegância, e uma chávena de chá.

Ao anoitecer regressávamos a casa acompanhadas por alguns colegas que desabafavam connosco as deficiências das suas instalações, a insipidez de algumas matérias, a monotonia de certas aulas, e as exigências e manias dos nossos veneráveis Mestres.

Era assim Coimbra nesse tempo; no meu tempo; no nosso tempo. Num tempo já há muito, muito tempo!...

E ainda hoje recordamos nas nossas associações, na *Nossa Associação*, todas essas vivências. E todos os que por lá passámos, conservamos a herança indelével da nossa Alma Mater. E é ainda com a mesma emoção e veemência que afirmamos: "Não há terra como a nossa. Não há no mundo outra assim."



VIAGEM À ÍNDIA / NEPAL

27 de Setembro a 16 de Outubro de 2009

Maria Guerra Prazeres



No Nepal

Encontrámo-nos nas nossas diferenças e nas nossas semelhanças, nesta magnífica viagem prestes a terminar.

Uma palavra de justo louvor à Presidente da Associação, pelo sucesso da sua organização.

Uma palavra de simpatia a todos, que fizeram com que, durante estes dias, fôssemos uma Família!

De facto... é neste rumar ao encontro da "diferença", que o Homem atinge

uma dimensão maior!

Pela heterogeneidade de costumes, credos, crenças e etnias, se forma o multifacetado mosaico desta Índia que visitámos.

Pela ancestralidade de cidades, como Delhi, vestida com a roupagem da história antiga, mergulha-se mais profundamente na Antiguidade.

Pelo esplendor mongol, que Agra simboliza, percorremos os corredores da

história dessa civilização.

Na cromática tela de Jaipur, a arquitectura rajput e mongol fundem-se em uma união mais forte, para nos legarem tesouros intemporais.

Na cidade de Varenasi, mergulhámos no nosso "eu" mais profundo, para uma reflexão que nos tocou a alma!

O Ganges, no seu expoente máximo de sacralidade para os hindus, é um baluarte de miséria humana, nesses ghats, onde a mendicidade estende a mão e as cinzas da cremação são espectáculo ao amanhecer!

Mas... no Rajastão, uma cidade etérea, de contos de Fadas – Udaipur – exhibe um esplendor romântico, nos seus palácios sobranceiros ao Lago Pichola.

A lendária cidade de Khajuraho cobre com o seu véu de mistério, a dinastia Chandela, e os seus esplendores e emblemáticos templos, repercutem beleza, no pormenor das esculturas.

Paradigma, em sentido real e imaginário, de emoção humana, do amor concretizado na fusão de corpos, que se procuram na busca de um prazer maior.

Goa é uma secular página da História escrita com a heróica pena dos portugueses. O seu passado continua vivo, para que os nomes de Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque não passem jamais à corrente do olvido.

Igrejas, casas coloniais, plantações de coqueiros, a profusão de mercados de flores e de fruta, as suas praias, são páginas desse livro que um dia escrevemos e que deixámos inacabado.

Mumbai, cosmopolita cidade, espelha os contrastes gritantes que vão da opulência à indigência.

Kathmandu foi essa pincelada nepalesa que nos enriqueceu, tão próxima dos Himalaias, tão imbuída de uma mística e profunda espiritualidade!

De tudo e de tanto, recordarei tão só, em poético verbo, esse magnífico e etéreo monumento ao amor: o Taj Mahal!

O Taj Mahal
é... a face ebúrnea
de um amor
eterno.

É...
a lágrima
que cai
na agonia
de uma saudade.

É ...
o rosto
de um sonho
interrompido.

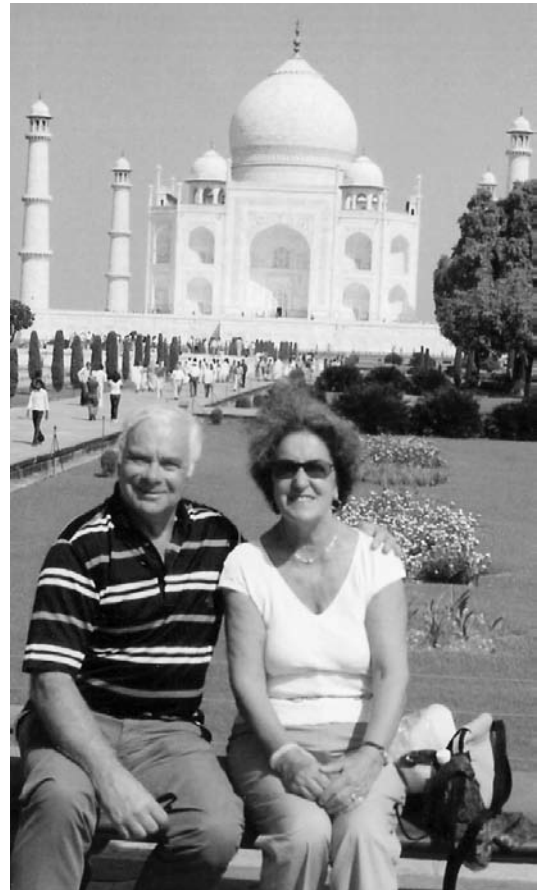
É...
uma história
escrita
no rendilhado marmóreo
da pedra.

É...
O grito
que vem de longe:
Shuh Jahan,
que se prolonga
no tempo
e se plasma
no esplendor da humanidade.

Isabel Cupertino



"Com Vasco da Gama em Goa..."



"O Tribunal de Contas e o Governo"



Natal dos Simples

Vamos cantar as janeiras
Vamos cantar as janeiras
Por esses quintais adentro vamos
Às raparigas solteiras

Vamos cantar orvalhadas
Vamos cantar orvalhadas
Por esses quintais adentro vamos
Às raparigas casadas

Vira o vento e muda a sorte
Vira o vento e muda a sorte
Por aqueles olivais perdidos
Foi-se embora o vento norte

Muita neve cai na serra
Muita neve cai na serra
Só se lembra dos caminhos velhos
Quem tem saudades da terra

Quem tem a candeia acesa
Quem tem a candeia acesa
Rabanadas pão e vinho novo
Matava a fome à pobreza

Já nos cansa esta lonjura
Já nos cansa esta lonjura
Só se lembra dos caminhos velhos
Quem anda à noite à ventura

Por: José Afonso

In: "Cantares do Andarilho", 1968

O HOMEM cansado

O Homem que anseia tudo fazer,
Viaja, sonha e fermenta seu universo,
Fica do mundo tão longe e disperso,
Num vai e vem, sempre a correr.

Será que alcança da vida, viver?
Faz do seu dia a dia um verso,
Num convívio fraterno e diverso?
Trabalha pra ver seus filhos crescer?

Cansado, pára, quer ver televisão!
Vê a guerra que desfaz civilizações,
E semeia a morte e a fome nas multidões!
Somos todos soldados ... é outra visão!

A verdade da razão faz mudar de estação!
Vê ódios de gerações. Num ambiente imundo,
Refugiados que fazem cidades do mundo,
Sem casa, escola, saúde e alimentação.

António Capela Gordo

21 Abril 2003

A POESIA

A poesia é alegria.
É soltar a nossa imaginação.
É voar mais alto que os pássaros
E sentir o nosso coração.
É sorrir e ir até à Lua
Como um balão sozinho na escuridão.

Filipa Baptista Ferreira-Pinto (8 anos)

Domingo, Dezembro 20, 2009

Luiz Goes: testemunho vivo da memória histórica da Canção de Coimbra

de <http://minervacoimbra.blogspot.com/2009/12/luiz-goes-testemunho-vivo-da-memoria.html>

As Edições MinervaCoimbra lançaram hoje (domingo) o livro "LUIZ GOES. O Neo-Modernismo na Canção de Coimbra ou o Advento da Escola Goesiana", da autoria de Jorge Cravo.

A Livraria Minerva foi pequena para acolher todos os amigos que quiseram

marcar presença no evento. Destaque, entre outros, para o ministro da Justiça, Alberto Martins, Camacho Vieira, António Arnaut, João Moura, presidente do município de Cantanhede, Mário Campos, e muitos antigos e actuais cultores da Canção de Coimbra.

À apresentação da obra pelo próprio autor, seguiu-se a leitura de poemas de Luiz Goes por Carlos Carranca e a interpretação de temas de Luiz Goes pelo grupo Capas Negras, constituído por António José Moreira, Nuno Encarnação, Eduardo Filipe e Luís Alvelos. [...]

Doutor Isabelinha faleceu hoje

http://desporto.sapo.pt/futebol/primeira_liga/artigo/2009/11/24/morreu_o_s_cio_n_mero_um_isabeli.html

O Doutor Isabelinha, sócio número um da Académica, faleceu esta manhã no Hospital de Santarém. O funeral realizar-se amanhã, às 15 horas para o cemitério de Almeirim.

Há cerca de um ano, por ocasião dos seus 100 anos, foi-lhe prestada uma sentida homenagem, ao estudante, ao futebolista, ao médico, ao Homem. Nesse dia, foi-lhe atribuída a Medalha de

Mérito da Ordem dos Médicos e José Eduardo Simões entregou-lhe uma camisola preta com o nº 1 e com o seu nome. Uma prenda que o deixou visivelmente sensibilizado e emocionado.

A "CABRA"

de <http://cavalinhoselvagem.blogspot.com/search/label/Cabra>

Na Torre da Universidade encontra-se um relógio, sob o varandim, com um mostrador para cada um dos quadrantes, e os sinos: a Cabra que toca todos os dias às 18h, avisando os estudantes de que é

altura de recolher ao estudo; o Cabrão, com o nome de macho da cabra por ter um som mais grave e que toca todas as manhãs anunciando aos estudantes que há aulas. Caso a Cabra não toque, é sinal

de que não há aulas! Ao longo do tempo, afim de não terem aulas, o badalo da Cabra foi sempre um alvo de roubo por parte dos estudantes. [...]

”COIMBRA DE CAPA E BATINA”

de <http://jdabanches.blogspot.com/2005/10/coimbra-de-capa-e-batina.html>

[...] Foi preso o estudante Agostinho Antunes, por que as suas proezas nesta matéria eram bem conhecidas e havia que desconfiar.

Uma vez na esquadra, começou o interrogatório feito por um polícia que, todo boas maneiras, lhe diz:

- V.Exa sabe porque foi preso?
- Não sei.
- Ora, ora não sabe! è por causa daquela brincadeira das galinhas do coronel. O senhor coronel só quer

que lhe paguem as galinhas e promete nada de procedimentos criminais. Afinal nada mais justo! Os senhores roubaram nada mais nada menos do que 37 galináceos...

- O que o senhor polícia está para aí a dizer é grego. Não percebo nada.
- Bem, talvez lhe mostrando umas coisas que aqui tenho na pasta, recorde melhor do que estamos a falar.

E mostrando umas penas de galinha e de galo:

- Então não se recorda disto? Vá lá, confesse!?

- Cada vez estou mais a zero.

- Ora diga-me, onde passou a noite de 27 par 28 de Novembro?

- Eu sei lá!

- Sabe , sabe, é que foi nessa noite que o senhor estudante e os seus companheiros assaltaram a capoeira do senhor coronel.

[...]

CAFESANTACRUZ

de <http://www.cafesantacruz.com/historia.html>

Após a passagem por Coimbra de D. João III em 1527, a reforma do Mosteiro de Santa Cruz e a instalação da Universidade vão alterar profundamente a cidade. Para Santa Cruz foi nomeado reformador Frei Brás de Braga que partira em 1517 para estudar em Paris tendo regressado em 1525 a Portugal para ocupar o cargo de Prior do Mosteiro da Serra de Sintra.

(...)

É unânime a atribuição deste edifício a Diogo de Castilho e, possivelmente, a João de Ruão, "amigo e servidor" do Mosteiro, onde "muitas e boas obras" executara, intervindo na arquitectura

decorativa da nova Igreja e nas esculturas de pedra que nela existiriam.Com a extinção das ordens religiosas em 1834, a igreja do velho mosteiro assume de novo a função de igreja paroquial. A igreja de S. João Baptista de Santa Cruz ficará ao cuidado do Estado. Após a sua dessacralização foi servindo outras funções: armazém de ferragens, esquadra de polícia, armazém de canalizações, casa funerária, estação de bombeiros...

Após muita e demorada controvérsia acerca da instalação de um café restaurante em "estilo manuelino, junto da Igreja de Santa Cruz ", tudo se resolve com a alteração do projecto

fachada da autoria do arquitecto Jaime Inácio dos Santos. A inauguração do luxuoso Café-Restaurante de Santa Cruz ocorre a 8 de Maio de 1923 e é notícia em todos os periódicos da altura. Esta data foi escolhida porque o Café se localiza na Praça 8 de Maio (denominado Largo de Sansão até ao ano de 1874) que pretende homenagear a entrada do exército liberal na cidade, comandado pelo Duque da Terceira, no ano de 1834. Em termos formais, o edifício sofreu várias alterações desde a sua fundação, sendo a mais significativa em 1923, quando foi adaptada às funções de Café – Restaurante.

[...]

APLAUSO À MARIA ANTÓNIA DIONÍSIO

- Almoço de Natal



A Toninha dirige-se aos presentes, rodeada pelos elementos dos órgãos sociais

O concorrido evento, com a presença de 140 pessoas, realizou-se no Hotel Sofitel, no passado dia 19 de Dezembro (sábado), para o tradicional almoço de Natal e, em particular, para um momento especial de homenagem à Maria Antónia Dionísio – a nossa Toninha. Nas palavras da nossa Presidente salientamos que «A Maria Antónia sempre foi a grande entusiasta do festejo Natalício; o seu João Maria dizia que ela parecia ainda acreditar que o Menino Jesus desce pela chaminé. À Toninha devo preciosa ajuda, que prometera desde o momento em que – levada eu pelo casal João Maria/Maria Antónia junto do Albano, já acamado – este me pediu que não deixasse morrer a Associação que criara com tanto empenho; Associação que o João Maria apelidava de “fábrica” e a nós duas de “operárias da fábrica”». Segue-se o registo das palavras de elogio do António Ribeiro, que reforçou as palavras da Presidente da direcção.

Homenagem à Maria Antónia (Toninha)

[Texto: António Ribeiro...]

1. Agradecimento pelo convite para homenagear a Toninha:

- Havia outras pessoas melhor preparadas para o fazerem e com melhor conhecimento da Toninha;
- Embora o meu convívio com a Toninha venha desde o início da minha

vida de associado, 1993 – 16 anos, é muito pouco quando comparado com décadas de convivência que outros colegas da AAACL têm com a Toninha;

- Todavia, entendi aceitar com gratidão este convite, que me foi endereçado pelos colegas da Direcção, tendo como mentora a nossa querida e mui ilustre Presidente. Aliás a Fátima é a grande mentora de muito, eu diria mesmo de quase tudo nesta Associação, e que soube imprimir-lhe uma dinâmica hoje reconhecida por todos os nossos associados em Lisboa e no resto do País.
- E entendi aceitar o convite porque eu acho que nesta minha relação cúmplice com a Toninha está, creio eu, uma das mais valias da nossa Associação: ser capaz de juntar diferentes gerações de estudantes – convém lembrar que me separam da Toninha uma boa meia dúzia de anos – o que configura de facto estarmos a falar, com propriedade de gerações diferentes. E juntar partilhando uma mesma matriz de valores culturais, sociais e sobretudo académicos comuns. Esta é seguramente uma das riquezas da nossa academia que a nossa Associação ajuda a perpetuar e mesmo a aprofundar.
- Por outro lado tive o privilégio de pertencer durante cerca de 8 anos à Direcção da Nossa Associação com a Toninha, sendo ela a menos jovem e eu o mais jovem. Ela era a Toninha e eu o Toninho, nome pelo qual a Toninha me chamava e ainda hoje a minha querida mãe me chama. Confesso que, sem me dar conta fui criando com a Toninha uma cumplicidade

que julgo recíproca: um profundo respeito, consideração, amizade e muita, muita ternura. Invariavelmente a Toninha pedia-me o braço para subir as escadas do palco da Tomada da Bastilha e eu, com particular prazer o fazia ano após ano. Toninha, no próximo ano faço questão de te voltar ajudar a subir ao palco, se assim o quiseres, pois claro.

-Em suma, pareceu-me que não seria despropositado assumir a tarefa nobre de proferir perante Vós algumas palavras sobre a nossa querida Toninha.

2. Algumas notas biográficas

- Sem pretender fazer aqui uma biografia da Toninha, julgo que se impõe trazer-vos breves notas biográficas da Toninha, que só foram possíveis graças à ajuda da sua querida Filha, a Dra. Isabel Silva, a quem agradeço o tempo que me concedeu para este efeito, e que está aqui com a sua família em peso e para quem eu peço uma salva de palmas!

- **O nascimento:** A Toninha nasceu em Coimbra, pois claro, a 19 de Junho de 1922 – bem dizia eu que nos separavam um pouco mais de uma meia dúzia de anos, na freguesia da Sé Nova. A Toninha é de facto uma mulher de Coimbra, por nascimento, alma e coração.

- Viveu em Coimbra até aos 4 anos, tendo-se mudado para Viseu – essa outra grande terra da lusa Pátria (não fosse ela a minha) – **Toninha andaste sempre por sítios muito recomendáveis!** – e por lá ficou até aos 8 anos. O pai da Toninha era militar e de vez em quando era obrigado a estas andanças na vida. A este propósito convém referir que o pai da Toninha tendo sido Coronel do Exército, formou-se primeiro em farmácia e depois em Medicina, tendo tido uma farmácia mesmo em frente à sua casa em Viseu (tenho a indicação de se tratar do Largo Pintor Gata).

- De seguida volta a Coimbra tendo

feito a instrução primária no Colégio Rainha Santa;

- Faz o Liceu Infanta D. Maria, era Reitora a Dra Dionísio Camões, tendo nascido aqui o seu gosto pelo teatro, que a acompanhou ao longo da sua vida e que seguramente continuará a ser uma das suas paixões. A esta paixão não é alheia a amizade que faz com a Dra Virgínia Gerção, escritora e mulher muito ligada à arte dramática. No Liceu fez ainda parte da Mocidade Portuguesa, seguindo com muito rigor as suas iniciativas.

- **A Universidade:** Licenciou-se em Histórico-filosóficas pela Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra, pois claro.

- Durante a sua vida académica empreende múltiplas actividades, nomeadamente:

i. O Teatro, no TEUC do grande Paulo Quintela, tendo sido membro da sua direcção. Representou várias peças, nomeadamente de Gil Vicente, os autos das barcas, onde com aquela carinha viçosa e bonita representava o papel do anjo, pois claro!

ii. Trabalhou também com o encenador Diniz Jacinto;

iii. Foi membro muito activo e dirigente da Juventude universitária católica;

iv. Enquanto universitária, e tendo sido o seu pai colocado no Algarve, em Lagos, representou para angariar fundos para uma colónia de férias que organizou para crianças carenciadas – **já era o grande coração da Toninha a puxar por aqueles que menos tinham e podiam!**

- **O Casamento:** casa no final do curso com o nosso querido e saudoso João Maria, mais um grande beirão de Mangualde – **Toninha não há dúvida que és uma mulher de bom gosto!** O namoro começa cedo e torna-

se sofrido com a ida do João Maria para os Açores, nos anos da 2ª Guerra Mundial – 44-45, curiosamente integrado no mesmo batalhão do seu irmão Ernesto.

- Mas casam em 1946 e têm a sua única filha em 1947 em Coimbra, precisamente a Dra. Isabel Silva de que falámos há pouco e aqui presente.

- Casaram na Capela de Sto. António dos Olivais, a 10.10.1946, tornando-se local de peregrinação anual obrigatória pelo casal.

- Viveu um ano em Mangualde onde foi Professora nos Colégios de S. José e Sta. Maria.

- A seguir instala-se em Lisboa começando a trabalhar no arquivo histórico do Ministério das Finanças, na Rua de Sta Marta, por cima da Polícia. Organizou o arquivo com uma grande e sempre amiga a Dra Maria Idalina Ferreira da Silva, que sendo do Porto, estudou em Coimbra com a Toninha.

- Organiza também o arquivo da fazenda pública do Ministério das Finanças; e a biblioteca do gabinete ministerial das finanças, era secretário de Estado da pasta o Dr. Costa Farelo.

- De modo a melhor exercer todas estas tarefas fez o curso de bibliotecária-arquivista na Fac. Letras da Universidade de Coimbra – só podia ser!

- Mais tarde passa a integrar o ministério da Educação e trabalha directamente com o FAOJ – Fundação de Apoio aos Organismos Juvenis. No FAOJ faz outra grande amizade, tendo conhecido o Dr. Ricardo Vaz Monteiro, filha da Dra Teresa Vaz Monteiro, nossa sócia. Com este organiza o arquivo da cadeia do Limeiro.

- Deu aulas do ensino nocturno na Escola Afonso Domingues, tendo como colega e amigo o Dr. Belarmino Barata.

- A Associação: foi uma das grandes paixões da Toninha.

• membro da Direcção da Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos

Estudantes de Coimbra – de 1977 a 1980 e de 1988 a 1991.

- membro da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa – de 1995 a 2003.

- Como membro das diferentes direcções desenvolveu como principais actividades:

- ✓ Encabeçou a Comissão Dinamizadora da "Filantrópica", em 1998 (ver C&TB nº12) e coordenou a Filantrópica como membro da Direcção. Aqui, como sempre, o grande coração da Toninha a procurar ajudar quem mais precisava. Aquando do lançamento da filantrópica o nosso Ângelo Araújo, outro dos fundadores, fez um poema que vale a pena relembrar:

–"Ainda não nasceu!...

Mas já se sente

Que vai ser feita por e com amor

Aquele amor

Que Coimbra põe na gente

E em nós se mantém eternamente

Em luta contra o sofrimento e a dor!"

- Dinamizou a criação do Grupo Coral *Ad-Hoc*, que teve a 1ª apresentação em público no IX Aniversário da AAEC (Março 2001)

- Criou a actividade "Aulas de Ginástica de Manutenção", em Maio de 2001

- Foi declamadora de poesia em diversas Conversas Quinzenais, Tertúlias Académicas e Jantares Mensais (em 12 de Julho de 1997 dedicou um poema ao amor da sua vida o seu João Maria).

- Na Associação e fora dela foi uma viajante incansável com o seu João Maria pelos 4 cantos do mundo.

- Minha querida Toninha fizeste, como acabámos de ouvir, muitas e boas coisas e queremos todos que continues a fazê-las, sempre com a mesma entrega e generosidade que te acompanham desde tenra idade. Gostaríamos que soubesses o quanto gostamos de tí, o quanto te queremos e rendemos-te aqui justa ho-

menagem ao teu exemplo na vida, na profissão, na família e na nossa Associação. Em tudo deixaste a tua marca perene. Queremos mais, muito mais ainda!

- Mas de todas as coisas que tu fizeste há uma obra fantástica que gostaria de destacar e que hoje aqui marca presença em peso, a tua filha, a Dra Isabel Dionísio Alves Rodrigues Mendes Silva com o seu marido, o Dr. Manuel Marçal Fontes Mendes Silva, e dos teus 3 netos: a Catarina, o João e o Zé Maria, que por sua vez já te deram 3 bisnetos e 3 bisnetas lindas.

- Parabéns Toninha por tudo o que fizeste até hoje, e fazemos todos muitos votos para que possamos continuar a contar contigo para outras tarefas e desafios que a tua alma e o teu coração grande e generoso possam entender como estimulantes e interessantes nesta fase da tua vida!

- Toninha, para ti um grande efferreá.

O Sarau

Após um delicioso "buffet" para almoço, assistimos ao Sarau. Este momento de convívio iniciou-se com o Grupo de Danças. O par dos seus mestres exibiu-se, seguindo-se o grupo que dançou de forma alegre, descontraída e sincronizada, acompanhados pelos filhos dos nossos artistas que dançaram, tiraram fotos e dirigiram os grupos, sob o olhar atenta dos seus pais e dos demais convivas.

Em seguida o Grupo Ad-Hoc, como habitualmente com a presença da Toninha, integrando exclusivamente jovens com mais de 70 primaveras (como referido pelo seu maestro),

exibiu as suas composições para gáudio dos presentes.

A actuação do grupo "Serenata ao Luar", com as vozes do Alcindo Costa, António Ribeiro, Coronel Anjos de Carvalho e Tito Costa Santos, constituído pelo Luís Martins e Manuel Pêra na viola, e António Sousa Mendes (TóJó) na guitarra, encerrou a sessão.

O almoço terminou com a usual ida ao palco dos elementos da direcção e dos cantores presentes, para entoarem a Balada da Despedida. Após os votos usuais de Boas Festas, próprios da quadra de Natal, e de um Feliz 2010, seguiram-se as despedidas e o regresso ao lar, pensando logo na participação em novos eventos e no reencontro com os colegas e amigos.



A exibição do Grupo de Danças foi acompanhada, fora do palco, pelo mais novo...



A actuação do Grupo Ad-Doc

ENTREVISTA COM

Prof. Doutor Henrique Madeira



Entrevista com o Vice-Reitor Prof. Doutor Henrique Madeira, doutorado em Engenharia Electrotécnica (FCTUC), responsável pelo Pelouro dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra (AEUC).

É casado, com a Ângela que conheceu na Faculdade de Letras da nossa UC, onde concluiu Germânicas. Têm duas filhas. A filha mais velha termina este ano o curso de Direito. A mais nova toca violoncelo e o pai veio trazê-la, no dia da entrevista, 30 de Abril de 2010, para fazer testes de ingresso na Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Um agradecimento especial por ter acedido ao nosso convite para realizarmos uma entrevista presencial, em particular dada a sua agenda muito ocupada, pela imensa disponibilidade e simpatia. A conversa desenrolou-se nos temas que seleccionamos, com os argumentos que transcrevemos de seguida e que fazemos votos seja do vosso agrado.

P1. Como configura o desenvolvimento e a articulação entre a Universidade de Coimbra (UC), a RedeUC e as AAECs? Considera que o contributo das AAECs é importante para o desenvolvimento da UC?

HM: Apanhei como Vice-Reitor uma missão delicada, da qual a 1ª fase foi vencida há pouco tempo, que foi fazer o Regulamento de Avaliação dos Docentes Universitários de Coimbra. Foi um processo muito intenso, mas que na minha opinião - perdoem-me a imodéstia - acho que correu muito bem. O Reitor já aprovou e já está em Diário da República. Só no último mês e meio fiquei liberto desta tarefa que me absorveu dias, noites, tardes e que implicou centenas de conversas e reuniões com o grupo de trabalho e com os docentes. No meio deste trabalho houve muitos contac-

tos com as associações, houve reflexão e gostaria de agora começar a estruturar mais a ligação com as AAECs.

Eu vivi um ano nos Estados Unidos, com licença sabática, em família. É importante olhar para o que passa noutros locais. Aí, as associações de antigos alunos, os Alumni, têm um papel e uma força que era importante justapor às nossas AAECs, mais ligadas ao aspecto afectivo e nisso somos muito bons. Criamos eventos e a AAECCL é um dos melhores exemplos que podemos encontrar nesse domínio. Penso que nos faz falta incluir alguma dose de ligação à sociedade que podemos encontrar nos EUA.

Eu gostava que olhássemos para os AEUC que são uma força enorme que a universidade tem e é uma riqueza... para o resto da vida. Para o bem e

para o mal, estaremos sempre ligados à UC e o futuro dos estudantes e da UC está umbilicalmente ligado.

P: E a RedeUC versus as AAECs?

HM: Temos que conseguir encontrar um bom ponto de equilíbrio entre a RedeUC e as AAEC, respeitando o funcionamento, o raio de acção, a autonomia e a capacidade de iniciativa das AAECs, tentando integrá-las. As AAECs e a Rede devem ser algo que tem que criar sinergias e não pode haver a mais vaga noção de conflito de interesses. Estamos perante corpos colectivos e, como é normal nas sociedades, há pequenos desencontros e desentendimentos, mas a dinâmica das coisas tem que as conseguir resolver. Não sei se nas suas palavras há algum juízo...?

P: Não. Estava na tónica de que a RedeUC tem crescido bastante e tem sido uma boa oportunidade de angariar antigos estudantes, passar-lhes a mensagem e a informação daquilo que a Universidade é hoje. Portanto, será também uma boa oportunidade para construir uma boa articulação entre a Rede e as AAECs.

HM: A RedeUC tem crescido muito baseada na componente virtual, na página Web, mas é uma maneira que depois acaba por carecer de algum corpo tangível. Independentemente da minha origem técnica de informática, eu acho que não podemos transformar tudo isto numa ligação virtual. O contacto é muito importante e temos de o bom destes 2 mundos. Eu penso que é necessária alguma articulação e é um assunto que gostaria de trazer para a próxima reunião das AAECs. Tentaremos perceber como criar maior sinergia entre as associações, Coimbra e a Rede. Estão identificados muitos problemas, até de aspectos técnicos – no site, problemas de contactos, ... – problemas triviais que têm que ser resolvidos. Dos cerca de 21.000 contactos que estão na Rede, há problemas com mudanças de e-mail, originando e-mails devolvidos; problemas que têm que ser resolvidos. Há um potencial forte mas tem que ter um espírito de corpo. Eu gostava de ver as AAEC muito envolvidas nisso porque a Rede é das Associações. Não é um objecto estranho que paira por cima delas!... O processo está em construção e ainda está numa fase muito inicial. Expandiu-se e depois precisa de ser coordenada. Penso que temos momentos de crescimento e agora é altura de fazer alguma análise e definir como é que achamos que a Rede deve evoluir.

P2. O Protocolo assinado com o governo, reforçando os meios financeiros das Universidades, e a implementação do Processo de Bolonha, nomeadamente com os aspectos das equivalências das habilitações académicas, abrem novas oportunidades ou perspectivas para os Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra (p.e. Actualização ou reforço das suas habilitações académicas)?

HM: Nos últimos 15 dias, eu e a Prof. Doutora Margarida Mano, que é Pró-Reitora, fomos incumbidos pelo Reitor, de elaborarmos o documento da resposta ao "Contrato de Confiança" da UC. Há novidades muito interessantes para as quais é muito importante usarmos quer a Rede quer as AAECs. Como sabem, do Contrato de Confiança há um grande objectivo de aumentar o nº de diplomados, especialmente nas áreas de Engenharias e áreas tecnológicas, que regressam à Universidade para fazer um curso de actualização científico-tecnológico que lhes confere um outro grau. A UC não pode induzir as pessoas em erro. Não pode criar nas pessoas a ilusão de que o mestrado de Bolonha é mais que as nossas licenciaturas. Ninguém se engana com isso, nem os empregadores, estudantes, alunos ou a universidade. As famílias tiveram um certo entusiasmo e algumas universidades aproveitaram-se disso. É uma maneira muito fácil de vender diplomas! A pessoa inscreve-se, faz qualquer coisa e obtém um diploma de mestrado. Não ficou a saber nem mais nem menos... A pessoa perdeu 1.000€ do seu bolso com o pagamento das propinas e não acrescentou nada... Só quem quiser é enganado com isso.

O que estamos a pensar, com a seriedade da UC, é que é muito importan-

te para os AEUC, é que isto é algo que a universidade nunca fez ... olhar para outros públicos. As coisas hoje evoluem a um ritmo incrível, nas áreas tecnológicas e nas engenharias. Um engenheiro electrotécnico ou informático que tirou o curso há 10 anos, ou ele por razões do próprio emprego – e Portugal não tem assim tantas empresas tecnológicas – ele conseguiu actualizar-se ou então pouco sabe... É uma oportunidade nova e excelente, compatível com as pessoas activas, para trazê-las de novo à universidade. É importante que percebam, 10 a 15 anos depois, que a universidade mudou muito. O curso de mestrado é afinado e calibrado para as suas necessidades. Vou dar um exemplo para perceberem facilmente: frequenta-se um ano, que é a duração do mestrado, com 1 ou 2 cadeiras em cada um dos dois semestres, com aulas ao final da tarde de 6ª feira. Depois há uma tese de mestrado que é feita numa lógica de actualização. A pessoa até pode trazer problemas da sua própria empresa que os vai estudar, desenvolver novas tecnologias... Algumas cadeiras até poderão ser feitas na lógica de Ensino à Distância, de uma maneira séria, com imensas vantagens. Aproxima-os AE da Universidade, valoriza-lhes a carreira, onde adquiriram uma especialização, e têm um novo grau com significado.

Se conseguirmos captar esta faixa, a partir de certa altura já não vale a pena porque as pessoas acham que já estão numa fase muito avançada das suas carreiras...

Os licenciados com 8, 9...15 anos estão com pujança no mercado de trabalho, numa fase de grande ascensão. Com o contacto entre as Universidades e as empresas gera-se uma mais valia enorme. Nós, na UC, vamos preparar o crescimento da UC...

P: ...Indo, portanto, captar pessoas que já estão activos no mercado de trabalho?

HM: Sim. Repare que hoje a UC é que tem que ir ao encontro desses estudantes. Não pode esperar que eles tenham capacidade ou disponibilidade temporal para irem frequentar os cursos. A UC é que tem que ter uma oferta específica para eles. É isso que a UC pretende fazer. É aí que eu vejo uma mais valia muito grande. Não é apenas a relação com um aluno que está na universidade, mas com um antigo aluno que volta à universidade; Com uma riqueza (Conhecimento) muito maior; há aqui um laço que se reforça. Isso é uma oportunidade excelente.

Se o antigo Estudante for membro de uma AAEC terá um desconto especial, que aliás já existe. Queremos que as AAECs sejam um canal para nos trazerem esses AEC e que nos ajudem a difundir. É uma parceria que, refiro, há exemplos nos EUA, onde há menos a tónica dos afectos, do laço, mas com aspectos mais concretos, importantes para as pessoas e que devíamos tentar injectar o máximo com a Universidade...

P3. Na faixa dos 30 a 50 anos, ou mais, em que as pessoas estão na vida activa, ir atrás destes Antigos Alunos, chegar às empresas e ir buscar um conjunto de problemas, em que a universidade deixa de ser uma fonte de Ciência e Conhecimento para ser também uma possibilidade para ajudar na criação de riqueza? E os professores não estarão contra uma nova abordagem, dado estarem mais centrados na produção de Conhecimento?

O Antigo Estudante quando chegar (de novo) à universidade vai concluir

que ela mudou. O espírito mudou... As coisas mudam na UC. Até Direito mudou. As coisas mudam hoje muito rapidamente. A UC sempre foi múltipla e muito plural. Medicina sempre foi diferente de Direito. As Humanidades sempre foram diferentes das Engenharias. Nisso temos tido evoluções muito grandes.

Na UC temos uma série de valores que são muito adquiridos. Coimbra é Cultura, Tradição, Saber. Coimbra é o exemplo de uma universidade fiável, com credibilidade. Tem agarrado, muitas vezes, esta imagem. Uma série de ideias feitas que estão profundamente erradas e que nós temos de ajudar a combatê-las. Coimbra não é uma universidade imóvel. Coimbra é uma Universidade com grande desenvolvimento científico e tecnológico. É a cidade que criou mais empresas nos últimos anos, empresas que inovam, muito importantes a nível nacional. Coimbra é uma universidade extremamente ágil também e muito moderna. Por vezes é muito difícil projectar esta imagem. A imagem que fica de Coimbra, que está tão agarrada a Coimbra, que impede que as pessoas vejam esta Coimbra... Esta componente da universidade abre os braços às ligações às empresas.

P4. Neste contexto e na modernidade, início do séc.XXI, a Praxe, praticada por uma ampla maioria, e o Conselho de Veteranos, continuam a fazer sentido? E que papel deve desempenhar?

HM: A minha filha mais velha ensinou-me uma lição. Quando entrou para a universidade, por razões pessoais, achava que a praxe era uma coisa horrível, depois ao fim do 1º ano mudou completamente de opi-

ção e criou agora uma relação com a praxe que eu acho extremamente saudável. A praxe é uma componente importante para ela. Há momentos da vida académica em que ela veste o traje, vive a praxe e depois diz... não, não, isto não é... a universidade é muito mais do que isto. Ela criou um ponto de equilíbrio que me parece muito são. Eu vejo esse ponto de equilíbrio nos estudantes. A praxe, como tudo na vida, tem aspectos de coesão, de ligação que são extremamente importantes. Tem também aspectos excessivos que precisam de ser limados. Há que criar essa consciência nos estudantes. Não, há coisas que sejam universalmente boas. A praxe é uma delas. A nova geração, a exemplo da minha filha Rita que anda em Direito, está a construir uma relação com a praxe que me parece saudável e equilibrada. Usam os aspectos positivos. Há um elemento novo na universidade que me parece pode não se ter apercebido ainda. Há mais de 1500 alunos estrangeiros na UC. Fazem-se sentir....

Temos 400 a 500 dos países de língua portuguesa. A maioria no entanto é do Erasmus. Se passear em Coimbra a qualquer hora é bem visível. Eles têm uma relação curiosa e ajudam a mudar. A semana [da Queima das Fitas] é mais um exemplo e é bonito ver isso. Tudo isto traz também riqueza à Universidade.

JAC: E também é distintivo em relação a outras Universidades?

HM: Certo. A grande maioria dos nossos alunos faz um ano ou 6 meses de Erasmus e toma contacto com outras realidades, e isso está a não a empobrecer, pelo contrário, enriquece. A partir daí, a Praxe está a também a registar alguma evolução que me parece positiva.

P5. Encaminha-nos rapidamente para o final. Qual a sua mensagem para os AEC? Que aspecto pretende realçar ou destacar?

HM: A Universidade de Coimbra distingue-se de todas as outras pela sua História que tem muita importância. E os AA são os elementos mais importantes nisso. Tem de ser um objectivo central da UC reforçar-se ainda mais este laço com os AAUC. São um parceiro essencial. Deve ser entendido também numa lógica que não perturba o lado afectivo que, acho que, é essencial. Temos de aproveitar o elemento afectivo para por no terreno outras formas de ligação aos AA. Isso é muito importante para atenuar algumas desvantagens que Coimbra tem. A UC não está em Lisboa, nem Porto. Isso coloca algumas dificuldades. Não somos uma Universidade regional. Não temos uma bacia demográfica... temos alunos de todo o país e agora de quase todo o mundo. E os AA também se espalham por quase todo o país e todo o mundo. Isso dá-nos uma capacidade de tocar quase tudo... Ecuménica. Acho isso das forças mais importantes. Em termos de pensar, de maneiras de desenvolver, ainda mais, ajudar a desenvolver uma Universidade moderna. Conseguimos fazer algo que é difícil. Ao mesmo tempo, projectar uma imagem de uma Universidade com muita história, muita credibilidade mas também com muita agilidade e muita modernidade, capacidade de fazer coisas novas. Essa é imagem de Coimbra que nós queremos. E que sempre existiu. Eu estou num departamento que o coloca à evidência. Do meu grupo nasce-

ram 3 ou 4 empresas, algumas muito importantes – a Critical Software, a Wit. A universidade sempre foi isso. Acho é muito estranho quando as pessoas falam de uma universidade projectada e não percebo porque é que a população tem uma imagem diferente da UC que não é a imagem que eu tenho. Nem a imagem das pessoas que vivem lá e assistiram à grande evolução que a Universidade teve. Os AA têm que nos ajudar a projectar esta imagem que não, de modo nenhum, contraditória com a visão clássica que nós temos de Coimbra. Eu penso que isso é muito importante.

Eu não consigo falar pouco... Apaixonou-me por isto e depois alongo-me.

6. Agora, para concluir, algumas perguntas e respostas (muito) rápidas:

Q- Saudade ou Inovação?

HM: As duas, claro. Temos que conseguir conciliar as duas coisas. Não vejo que sejam contraditórias, de modo nenhum.

Q- Está presente e utiliza as Redes Sociais da Internet? Caso sim, quais?

HM: Pessoalmente vivo muito nesse mundo. Comecei então a ter algum cuidado. A minha mulher diz que eu vivo no Skype. Não estou muito activo nas redes sociais por opção própria. Vivo muito no Skype que não é uma rede social mas um instrumento.

Q - Lê livros electrónicos?

HM: Muito menos... Não imprimo praticamente nada mas quando é para ler livros... Acabei de comprar alguns, há pouco tempo na Feira do Livro.

Q - Escuta PodCasts?

HM: As vezes. Há um manancial fantástico que é bom saber que está disponível ... às vezes vou no carro e ouço que posso ir ao site da Antena 1 ou 2 que tenho lá os programas. Tudo, o que é muito bom. Às vezes guardo-os eu próprio. Repare, o importante aí é o conteúdo. Os meios electrónicos disponibilizam-nos, para nós usarmos. Não confundamos nunca o conteúdo com a forma. É muito bom termos essas possibilidades com o recurso às novas tecnologias.

Q - Sítio (ou Site) favorito na Internet?

HM: Muitos... O favorito é o de toda a gente: Google. As pessoas todas usam-no sem que se apercebam da quantidade de tecnologia que está presente. Cada vez que cada um de nós vai ao Google e escreve uma "key Word" e, em segundos, tem tudo o que está disponível no mundo, as pessoas não se apercebem quão fascinante é todo o *know how* e técnica que está por trás. As pessoas usam sem se aperceber. A Google como motor de busca, não é como site, está entre aquelas grandes realizações tecnológicas que as pessoas usam sem se aperceber. Se a Google fosse uma construção estaria nos edifícios mais fantásticos do mundo, se fosse algo de concreto. Para ter um a ideia...gastou muito mais engenharia do que a Ponte sobre o Tejo, que é uma coisa visível e que está ali. Há muita engenharia por trás daquele ecranzi-nho... e que as pessoas não se apercebem. É a nova Babilónia. Dali vou para todos os sites e isso é a parte mais bonita que a cultura da internet nos pode dar.

FIM.

01.**JANTARES MENSAIS**

Realizaram-se 3 (Setembro, Novembro e Dezembro), sempre com a boa disposição e "intimismo" de um convívio singelo, onde os aniversariantes desse mês se perfilam perante um apetitoso bolo.

02.**ENCONTRO DOS "JORDANOS E SÍRIOS"**

Realizado no dia 12 Dezembro 2009, na sede da associação, onde não faltaram o tradicional lanche e o concurso de

fotografias. A chuva intensa reduziu o número de participantes, mas os que apareceram fizeram jus ao filme que

visionaram, lembrando os locais e momentos desta viagem rica de história e belezas naturais.

03.**CONVERSAS MENSAIS**

Tiveram lugar 2:

Em Setembro, recebemos na Sede os promotores de um empreendimento chamado "Serena Seniores", cujas características parecem apontar para eventual solução de um magno problema: a criação da Real República do Antigo Estudante de Coimbra. Está na forja uma visita ao local.

Em Outubro, a habitual "Vem Dizer de Tua Justiça" trouxe-nos o contributo de

bastantes Associados para a melhoria das nossas actividades e a escolha das viagens a promover lá fora.

Foram 35 pessoas que compareceram na sede da nossa Associação para darem as suas opiniões sobre a vivência associativa, numa reunião realizada no passado dia 21 de Outubro 2009. Das sugestões apresentadas foram votadas e aprovadas para as "Viagens para mais longe": Japão e Coreia do Sul, seguido da Rota da Seda.

Nas "viagens mais curtas" a opção preferida foi "Córsega e Sardenha", derrotando a alternativa "Norte de Itália (Milão, Florença, etc.).

Foram mencionados os aspectos relativos à captação de novos sócios, num continuado esforço de rejuvenescimento. Finalmente foi sugerida a necessidade de reforçar a necessidade de que o Fado de Coimbra tenha uma presença mais visível nos meios de comunicação...

04.**NOVA ACTIVIDADE**

Iniciou-se, em Novembro, na Sede, uma série de abordagens sobre a "Evolução das Tecnologias de Comunicação e Informação", que tem

merecido interesse de diversos associados, aproveitando também o ensejo para obter esclarecimentos específicos sobre o tema.

05.**BORDADOS E DANÇAS DE SALÃO**

Continuam em força, com uma juventude que não esmorece perante as intempéries da natureza (e não só...)

06.

LANÇAMENTO DE LIVROS

O livro "LUIZ GOES. O Neo-Modernismo na Canção de Coimbra ou o Advento da Escola Goesiana", da autoria de Jorge Cravo, das edições Minerva - Coimbra foi lançado no dia 20 de Dezembro 2009.

O espaço da Livraria Minerva foi pequeno para acolher todos os(as) amigos(as) que quiseram marcar presença neste evento.

Após a apresentação da obra por Luiz Goes, seguiu-se a leitura de poemas e a interpretação dos seus temas pelo grupo Capas Negras, constituído por António José Moreira, Nuno Encarnação, Eduardo Filipe e Luís Alvelos.

07.

DIVERSAS

O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos para assistir à abertura solene das aulas, no dia 16 de Setembro, para a sessão solene de entrega pelo Embaixador da Irlanda do fax símile do "Book of Durrow", na Biblioteca Joanina, em 28 de Outubro, e para diversos doutoramentos e lançamento de obras literárias e científicas.

Luiz Gomes", último presidente da Academia Dramática de Coimbra (tornada, em 1887, Associação Académica de Coimbra), para a Gala Comemorativa do 122º Aniversário da A.A.C., para a Festa das Latas e imposição de insígnias e para o lançamento de obras de sua edição.

tudo por mérito a alunos da Universidade, em vários lançamentos de obras, exposições, colóquios, mesas redondas e homenagens, bem como em todo o ciclo de cinema e literatura que promoveu de Outubro a Dezembro.

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra convidou-nos para assistir à 1ª Gala dos Prémios "António

O Reitor da Universidade de Lisboa convidou-nos para estar presentes na sessão solene de abertura das aulas na Cerimónia de entrega de bolsas de es-

O Presidente da Sociedade Portuguesa de Protecção Contra Radiações convidou-nos para a sessão de abertura para o "Primeiro Congresso da Protecção Contra Radiações de Países e Comunidades de Língua Portuguesa".

08.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...

Foram os seguintes Sócios e Amigos que contribuíram, no ano de 2009, para o enriquecimento do Património da nossa Associação, oferecendo livros, medalhas, CD's, fotografias, vídeos, livros da Queima das Fitas, plaquetas, recortes de jornais, etc.

Eis os seus nomes

José Pinheiro da Silva, Eduíno de Jesus, Celeste Costa Martins (com apresentação da autora pela Fátima Lencastre), José Marques Vidal, João José Fausto Quintela de Brito, Cor. Manuel Brito Guerreiro Júnior, Reitoria da Universidade de Coimbra ("Rua Larga"), Câmara Municipal de Coimbra - Departamento da Cultura, Casino Estoril ("Egoísta"), Associação dos Pupilos do Exército ("Boletim"), Associação da Força Aérea Portuguesa ("Boletim"), Casa de Goa ("Boletim"), Fundação Bissaia Barreto ("Notícias").

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento.

Apelando à generosidade de todos, para que ofereçam à nossa Biblioteca: livros sobre Coimbra, livros de finalistas, fotografias da Queima, Programas, etc., para na Biblioteca ficarem guardados - *"in aeternum"*.

A todos o nosso Bem hajam!

Estão à venda na Sede os vídeos e/ou DVD das seguintes viagens:

- Jordânia c/ extensão à Síria - 2009
- Fim-de-Ano 2008/2009 em Palma de Maiorca
- Irlanda e Londres - 2008
- Austrália e Nova Zelândia - 2008
- EUA - 2007
- Chile / Patagónia / Ilha da Páscoa / Terra do Fogo / Argentina - 2006;
- Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano a Madrid;
- Berlim / Hannover / Expo 2000;
- Fim-de-Ano a Tenerife - 2001/2002
- Canadá e Nova York - 2000
- Viagem de Fim-de-Ano à Madeira / Pôr-do-Sol;
- Estão à venda os livros: "O Povo do Nordeste", de Amélia da Conceição de Sousa Ferreira-Pinto;

09.**NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...****... em 2009 (de Junho a Dezembro) foram:**

Dr. António Alfredo de Matos Soares Póvoa, Sócio nº 1268;

Dr.ª Maria Celina Correia Fernandes Leal, Sócio nº 1269;

Dr. Paulo Nuno Rodrigues Marques Augusto, Sócio nº 1270;

Dr. Fernando de Menezes Verol, Sócio nº 1271;

Dr.ª Maria José da Silva de Vasconcelos e Cruz Rodrigues Pais, Sócio nº 1272;

Dr. Albino Duarte Pires Dias Urbano, Sócio nº 1273

Dr. José Pedro Campos Barbosa, Sócio nº 1274.

IN MEMORIAM

Deixaram-nos...

Falecido em 2008 (e que só agora soubemos...):

Dr. Emídio Albuquerque Vasco, Sócio nº 560 - em 14 de Outubro;

... no segundo Semestre de 2009:

D. Graciete Valadas Cartaxo, Sócio nº 987 - em 5 de Julho;

Dr.ª Maria Adelaide Moreira Brandão, Sócio nº 1143 - em 31 de Julho;

Eng. José Bernardo Veloso Falcão e Cunha, Sócio nº 1048 - em 23 de Setembro;

Dr.ª Maria Isabel Vieira Martins Alexandre, Sócio nº 674 - em 29 de Setembro;

Dr. António Gonçalves Júnior, Sócio nº 148 - em 1 de Novembro.

Que descansem em Paz!

Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores...

Quando estarão todas em dia? Dependemos da consciência de um dever estatutário...!



Julho a Dezembro 2009

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaecl@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

Carlos Couceiro - Última Hora:

Realizou-se no passado dia 7 de Março 2010, o funeral do Eng. Carlos Couceiro, guitarrista e filósofo. Constituiu uma impressionante manifestação de pesar, com a presença de muitos amigos e admiradores, sobressaindo a elevada presença dos intérpretes da Música de Coimbra, de que era um lídimo cultor.

Era igualmente um escritor muito apreciado. Apresentou em Lisboa, no ano passado, o seu último livro, de título "Memórias", bem como a 5ª edição das "Fábulas".

Nas suas interpretações à guitarra, com o Grupo Porta Férrea, ou nas suas palavras vertidas para os seus livros, ficam os registos da sua imensa arte para o futuro.